

## **O Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco: avanços e limites de uma proposta em curso**

*The Bachelor of Agroecology at the Universidade Federal Rural de Pernambuco: advances and limits of an ongoing proposal*

Maria Virginia de A. Aguiar, Joanna Lessa F. Silva,  
José Nunes da Silva, Gilvânia de O. S. de Vasconcelos  
Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
Dep. de Educação, Bacharelado em Agroecologia

### **Resumo**

Este texto apresenta o Bacharelado em Agroecologia da UFRPE como uma experiência de educação superior do Nordeste brasileiro. Analisa como os princípios e diretrizes da educação em agroecologia vem sendo colocados em prática e os desafios atuais.

**Palavras-chave:** ensino superior; campesinato; educação popular; regime de alternância

### **Abstract**

This text presents the Bachelor of Agroecology at UFRPE as a University education experience in the Brazilian Northeast. It analyzes how the principles and guidelines of education in agroecology have been put into practice and the current challenges.

**Keywords:** University education; peasantry; popular education; alternation regime

### **Introdução**

Apresentaremos aqui a experiência do Bacharelado em Agroecologia<sup>1</sup> (BACEP), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - Campus de Recife, como uma experiência de educação superior universitária e analisaremos os avanços e limites de uma proposta de educação em agroecologia. Este relato parte em grande medida do Projeto Pedagógico do Curso (UFRPE, 2023) e da experiência acumulada nos seus quatro anos de existência.

O BACEP foi criado em 2019 como resultado de uma longa trajetória trilhada por professores<sup>2</sup> da Área de Extensão Rural do Departamento de Educação da UFRPE, envolvidos na Licenciatura em Ciências Agrícolas<sup>3</sup> e no Núcleo de Agroecologia e Campesinato<sup>4</sup> (NAC), em diálogo com organizações não-governamentais e governamentais de extensão rural e

---

<sup>1</sup> O nome original do curso era Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular e, por isso, sua sigla ficou sendo BACEP. No entanto, este nome não foi acatado pelo MEC num contexto de golpe político-institucional, mas se mantendo com o nome de Bacharelado em Agroecologia com a mesma proposta e ideário inicial.

<sup>2</sup> Vale ressaltar que este coletivo também recebeu as boas influências do Doutorado em Agroecologia do Instituto de Sociología y Estudios Campesinos da Universidad de Córdoba na Espanha, já que boa parte esteve aí realizando o doutorado e o pós doutorado.

<sup>3</sup> Curso criado em 1972 para formar professores das antigas escolas agrotécnicas. Encerrou suas atividades em 2021, formando educadores/as a partir dos pressupostos da educação popular e da agroecologia.

<sup>4</sup> Núcleo formalizado em 2010 por docentes e técnicos que estudam, pesquisam e desenvolvem ações de extensão junto a Agricultura Familiar Camponesa e a Agroecologia.

organizações e movimentos sociais do campo pernambucano<sup>5</sup>. Essas experiências tiveram importante protagonismo na disseminação da Agroecologia na universidade e no estado de Pernambuco, no âmbito dos debates da Convivência com o Semiárido, da Agricultura Familiar e Camponesa, da Educação do Campo, da Extensão Rural, do Desenvolvimento Rural Sustentável e das políticas públicas. Historicamente também tiveram um papel contra hegemônico dentro da universidade, trazendo para a pauta, uma educação humanizadora, voltada para a diversidade do campo pernambucano e nordestino, a partir de uma perspectiva crítica à formação tecnicista dedicada ao agronegócio da região.

Este curso veio ocupar o espaço deixado pela Licenciatura em Ciências Agrícolas, que após 50 anos foi extinto pela UFRPE, em função das mudanças no ensino tecnológico e superior, quando a formação de professores/as deixou de ter a importância dos tempos iniciais. A opção por um Bacharelado em Agroecologia veio da identificação da demanda por profissionais qualificados/as para atuar com abordagens metodológicas participativas e com sistemas produtivos que potencializam os bens naturais e os etnoconhecimentos de comunidades rurais, como base para o bem viver.

Sendo a Agroecologia uma "ciência do lugar", desde o princípio, a equipe dedicada à construção do curso se recusou a buscar propostas pré-estabelecidas e, por isso, adotou o lema de que o BACEP é um curso que está sendo construído "em curso", onde os desafios foram sendo enfrentados durante o caminhar e onde todos/as os/as estão em formação, de forma que a experiência educativa é vivenciada a partir do local de cada um/a no trajeto pedagógico, de forma compartilhada e corresponsável.

### **Descrição e reflexões sobre a experiência**

Optamos por um curso que formasse agroecólogos/as-educadores/as, orientados/as pela educação popular, “visando à construção/fortalecimento de sociedades ecologicamente sustentáveis, socialmente igualitárias e politicamente democráticas, tendo o campesinato como ator central, formando para o mundo do trabalho e uma prática cidadã” (UFRPE, 2023, p.29). Adotamos uma visão crítica ao enfoque tecnicista da educação e ao modelo de desenvolvimento rural predominante no Brasil e em Pernambuco, e optamos pela Agroecologia como movimento, prática e ciência, como uma matriz transdisciplinar orientadora para uma formação

---

<sup>5</sup> Como a Federação dos Trabalhadores da Agricultura, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, a Comissão Pastoral da Terra, o Instituto Agrônomo de Pernambuco e algumas associações de agricultores familiares. Hoje, estas organizações compõem o Conselho Consultivo, instância formal prevista no projeto de curso, para garantir o diálogo permanente com a sociedade.

que incorpora uma perspectiva humanizadora nas Ciências Agrárias e uma relação diferenciada com a natureza e a produção de alimentos e de outros bens para a vida, associada a uma perspectiva teórica da complexidade e da ecologia dos saberes (UFRPE, 2023; AGUIAR, 2010; SANTOS, 2007; DUBEUX & NUNES, 2022). Nos ancoramos em uma base epistemológica e em uma abordagem metodológica complexa, pluralista e sistêmica para analisar e atuar na realidade social, a partir de diferentes dimensões da Agroecologia.

A educação popular é colocada como fundamento para uma atuação profissional comprometida com a transformação da realidade social. Ao encarar as relações entre os/as sujeitos/as como pedagógicas, os/as estudantes são entendidos como sujeitos históricos, comprometidos com seu território de vida, cultura e trabalho. Neste sentido, a educação popular está voltada para a formação de profissionais críticos/as e criativos/as aptos/as a atuar com os diferentes sujeitos do campo e da cidade, para compreender e criar estratégias para superação das opressões vividas na realidade, fortalecendo a sua identidade e valorizando os saberes acumulados localmente. Com foco no diálogo e tomando a realidade como ponto de partida e chegada, o curso está diretamente articulado com os princípios educativos da educação do campo, tais como a educação contextualizada, a formação crítica e contra-hegemônica, baseada numa perspectiva sistêmica da construção do conhecimento e no diálogo de saberes (saberes técnico-científicos com saberes locais e tradicionais), a formação profissional humanizada e a valorização do campo e sua diversidade, desconstruindo a dicotomia campo-cidade.

Na busca de colocar esses conceitos em prática, avaliamos que era necessário ousar no desenho pedagógico de forma a experimentar possibilidades de superação às críticas que tanto fazemos à educação convencional, mas que muitas vezes reproduzimos no nosso cotidiano. Neste sentido, e provocados pelos movimentos sociais durante o processo de construção do curso, colocamos o território como elemento central, nos inspirando na Pedagogia da Alternância e na Ecologia de Saberes, para propor processos de ensino-aprendizagem dialógicos, imbricando saberes científicos e populares.

Para isso, o conceito de etnoagroecossistema é central na proposta pedagógica do curso, sendo unidade de análise socioecológica usada para compreender a realidade como um todo, para que se possa atuar sobre ela. Com ele, o campesinato em toda a sua diversidade (homens, mulheres, juventudes, quilombolas, extrativistas, assentados/as etc.) e povos indígenas e a população urbana que vem realizando a agroecologia nas cidades, recebem destaque no processo educativo. O etnoagroecossistema é construído a partir de conhecimentos locais, cultural e historicamente constituídos pelos/as camponeses/as em toda a sua diversidade, com seus conflitos e capacidade de resistência e resiliência e do seu potencial endógeno e territorial.

Diante disso, foi importante pensar na necessidade de ampliação do acesso de estudantes vindos do espaço socioterritorial do campo ao ensino superior público. Partimos do reconhecimento de que estes sujeitos foram historicamente excluídos das universidades públicas e, assim, dentro dos limites da atual estrutura da universidade, garantimos a prioridade de entrada para os/as agricultores/as familiares e camponeses/as, assentados/as da reforma agrária, aquicultores/as e pescadores/as de base familiar, comunidades tradicionais em geral, como extrativistas, quilombolas, indígenas etc, em acordo com a Lei da Agricultura Familiar (Lei nº 11.326). Por meio de um Processo Seletivo regido por Edital Específico, utilizando a nota do ENEM dos últimos cinco anos, estabelecemos uma bonificação de 30% na nota das pessoas advindas do espaço socioterritorial do campo, além de contemplar o sistema de cotas existentes na UFRPE. Há de se ressaltar que a UFRPE optou por incluir esse curso no seu rol de cursos permanentes.

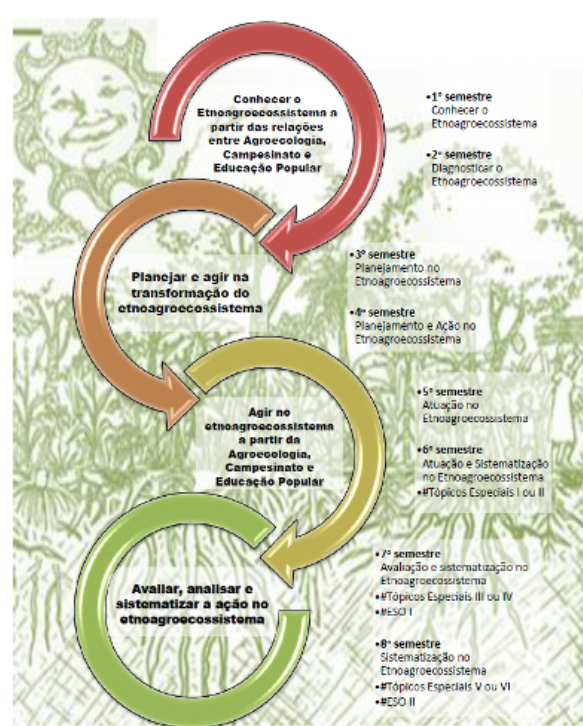
Além da garantia do acesso dos/as camponeses, a proposta pedagógica embasada na educação popular necessitava ancorar-se no território. Diante disso, construímos o BACEP em regime de alternância, considerando diferentes espaços de aprendizagem e tempos pedagógicos, seja no campo, na cidade ou na universidade, tomando a realidade socioambiental e o território como ponto de partida e chegada, dando sentido e significado ao conhecimento. Assim, os/as estudantes são estimulados em todo o curso a construir conhecimentos na articulação permanente com os etnoagroecossistemas em que vivem e trabalham. O semestre é organizado em cinco módulos, sendo que cada um deles é composto por uma Vivência-universidade (VU) e uma Vivência-realidade/campo (VRC) com cargas horárias específicas. Durante uma das VUs elegemos um território para realizarmos uma Imersão na Realidade, onde podemos conhecer, debater e/ou atuar todos juntos no mesmo lugar, inspirando/orientando para o que deverá ser vivenciado durante as VRCs.

Durante as VRCs as/os estudantes realizam atividades de pesquisa, ensino e extensão em seus territórios de vida e trabalho gerando dados/informações que servirão de aprendizados contextualizados, a partir do imbricamento entre teoria e prática. A partir disso, o curso garante um processo de diálogo permanente com a sociedade, de forma orgânica e articulada, efetivando a chamada Curricularização da Extensão, fomentando condições para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

A “grade” curricular do BACEP está estruturada em quatro eixos metodológicos anuais, cada um sendo subdividido em dois sub-eixos, organizados em oito semestres (Figura 1). Em cada semestre há apenas um componente curricular (ou uma disciplina coletiva) no qual diferentes temáticas são trabalhadas de forma interdisciplinar/transdisciplinar por um Coletivo

Docente - chamados de guardiões/ãs das temáticas. que buscam articular as diversas áreas do conhecimento e as diferentes dimensões da Agroecologia (ecológico-produtiva, a ética, socioeconômica, política, educativa, cultural e artística).

Figura 1 - Representação gráfica da "grade" curricular do BACEP



Fonte: UFRPE (2023);

Os quatro eixos formam um *continuum* que articula teoria e prática. São eles: “*Conhecer o etnoagroecossistema a partir das relações entre Agroecologia, Campesinato e Educação Popular*”, “*Planejar e agir na transformação do etnoagroecossistema*”, “*Agir no etnoagroecossistema a partir da agroecologia, campesinato e educação popular*” e “*Avaliar, analisar e sistematizar a ação no etnoagroecossistema*”.

Para garantirmos essa proposta, fazendo uma analogia com a Botânica, adotamos algumas ferramentas ao longo do processo formativo. São elas (UFRPE, 2023):

- Os Seminários Teóricos e Práticos ou "Sementes" são as diferentes formas de pesquisa, discussão e construção sobre/de fundamentos, conceitos, princípios e habilidades relativos às diferentes temáticas que acontecem durante as VUs. São planejados utilizando-se das diferentes técnicas de ensino, no espaço físico da UFRPE ou fora dele. São também considerados todos os espaços que permitam vivências práticas agroecológicas, na amplitude e complexidade de sua interdimensionalidade (Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária; Jornada dos Povos; Diálogos sobre Agroecologia; Intercâmbios, Imersão, dentre outros).

- As Atividades Humanísticas e Culturais ou "Seiva" são voltadas para a formação integral dos/as estudantes, permitindo que o processo educativo extrapole a dimensão da técnica, estimulando a criação artística, o autoconhecimento, o cuidado e a busca da espiritualidade, através de ferramentas didáticas usadas pelos/as professores/as, das ações dos/as discentes a partir dos grupos de autogestão e/ou projetos de ensino, pesquisa e extensão. Além disso, estão presentes de forma permanente nas Semanas de Culminância. O projeto de extensão universitária Bordando pelo Cuidado<sup>6</sup> é um exemplo deste tipo de atividade (AGUIAR e outros, 2022).

- A Semana de Culminância ou "Flores" é realizada no último módulo de cada semestre, sendo um exercício multidisciplinar que envolve todas as temáticas do período e que devem ser apresentadas usando-se diferentes linguagens. Os/as estudantes assumem papel ativo no processo de aprendizagem de forma cooperativa e a partir dos territórios.

- O Projeto Interdisciplinar de Construção do Conhecimento (PICC) ou "Frutos" é composto por atividades de extensão, pesquisa e ensino, aprofundando temáticas específicas escolhidas pelos/as estudantes, contextualizando conhecimentos e fomentando seus interesses e capacidades particulares ao longo de todo o seu percurso formativo. Cada estudante conta com um/a orientador/a que tem o papel de colaborar na construção e acompanhamento do seu PICC que culminará com o Trabalho de Conclusão de Curso, ao final dos 4 anos.

Outra ferramenta pedagógica são os Grupos de Autogestão, que procura garantir o protagonismo dos/as estudantes no fazer pedagógico cotidiano do curso, sempre desenvolvendo sua capacidade coletiva de se organizar enquanto grupo, e de coordenar e gerir cada momento. Nos orientamos pela pedagogia da autogestão a partir da experiência de educação popular (VILAÇA & DUBEUX, 2018). Os Grupos de Autogestão são: Cuidado e Infraestrutura; Avaliação; Registro, sistematização e Comunicação e; Cultura e mobilização.

### **Os princípios e diretrizes da educação em agroecologia em movimento no BACEP**

Podemos dizer que no BACEP colocamos em prática cada um dos princípios da Educação em Agroecologia de forma relacional. O regime de alternância e a forma como se organizam os semestres por eixos nos indicam que o princípio da Complexidade é permanentemente colocado em prática, assim como o pluralismo epistemológico presente em ações e atitudes multi/inter/transdisciplinares, a partir do diálogo dos diversos saberes e áreas

---

<sup>6</sup> Projeto de extensão universitária onde o bordado atua como ferramenta artística para animar estudos e reflexões sobre a Agroecologia, Cuidados e Territórios.

do conhecimento e da horizontalidade do saber e no resgate do papel dos/as estudantes como seres sociais e históricos comprometidos com as transformações sociais, que nos traz o princípio da Transformação.

O pluralismo metodológico adotado no curso traz as metodologias participativas que são permanentemente usadas em sala de aula, como as diferentes ferramentas de Diagnóstico Rural Participativo, as instalações e cartas pedagógicas, que retratam processos vividos e sistematizados pelos/as estudantes, os mapas participativos territoriais, as análises de agroecossistemas, entre outros. Os princípios da Complexidade e da Vida também estão manifestos na relação entre sujeitos, seus territórios de vida e a Universidade, na busca permanente de romper com a exclusividade da lógica racional e destrutiva da agricultura convencional, deixando as subjetividades, as afetividades e as espiritualidades emergirem em práticas lúdicas, artísticas e místicas.

Ao trazer para o centro da proposta o conceito de etnoagroecossistema, a perspectiva crítica sobre os sistemas agroalimentares associada ao papel do campesinato, o conflito e a resistência aparecem como dimensões importantes do processo formativo, resgatando o papel transformador da educação, na perspectiva freireana.

Rompendo com a "pedagogia da fome", acreditamos em uma "pedagogia da fartura", demonstrando um dos compromissos mais urgentes das universidades públicas que é a produção de alimentos saudáveis para todos/as. As diversas expressões de vida – não apenas a humana – são valorizadas na percepção da Natureza onipresente que se move a partir de nós e conosco.

### **Considerações finais**

Colocar em prática uma proposta como esta tem sido desafiador, ainda mais num contexto de pandemia e crise política, quando as universidades foram diretamente impactadas com ataques e corte de recursos. Apontamos a seguir alguns desafios para colocar em prática essa experiência, uma vez que os avanços foram apresentados nos itens anteriores.

Um elemento fundamental vem sendo a garantia de permanência dos/as estudantes na universidade, assim como estrutura para desenvolvimento mais qualificado das atividades nos territórios. É preciso avançar na oferta de infra-estrutura mínima para permanência dos/as estudantes, como alojamento para os períodos de VU, transporte mensal para deslocamento dos territórios até a universidade, apoio às mães e pais durante as VU, realização das Imersões, já que nem sempre há recursos para aulas de campo. Durante as VRC é preciso garantir

minimamente que os/as estudantes possam desenvolver atividades de estudo e extensão nos territórios, ainda mais porque boa parte deles/as são estudantes trabalhadores/as.

Outro desafio é o tempo, ou a falta dele, para dar conta de um curso com uma carga horária considerável. Do lado dos/as "guardiões/guardiãs de temáticas", exige conciliar os afazeres de cada um/a em muitas atividades acadêmicas, já que o curso demanda um tempo maior para planejamento e ações coletivas, acompanhamento e orientação de estudantes. Do lado dos/as estudantes, aprender a lidar com os ciclos formativos e a autonomia nos estudos, já que boa parte da carga horária do curso é "gerenciada" por eles/as próprios/as. Organizar o tempo do trabalho *versus* estudo parece que tem sido um gargalo importante para o aprendizado entre os/as estudantes.

A dificuldade do trabalho interdisciplinar muitas vezes aparece devido a nossa formação cartesiana e disciplinar. É preciso estarmos abertos/as para um diálogo integrador dos saberes e das áreas do conhecimento e de dedicar tempo para lidar com novas temáticas, abordagens e metodologias.

Finalmente, apresentamos como desafio o grande número de estudantes vindos/as das cidades para participar do curso. Este perfil tem feito que aprofundamos reflexões sobre os agroecossistemas urbanos, além de um re-pensar do regime de alternância, recuperando a dimensão das cidades como lugar de vida, cultura e trabalho e a possibilidade de uma agroecologia urbana.

## Referências

AGUIAR, M. Virginia de A. Educação em Agroecologia - que formação para a sustentabilidade? **Revista Agriculturas**, Rio de Janeiro, v.7, n°4, p.4-6, dez/2010.

AGUIAR, M. Virginia de A., PERES, Flávia M. de A.; CAVALCANTI, Edneida R. Agroecologia e arte-educação em tempos de pandemia: uma experiência brasileira de extensão universitária. In Sociedad Argentina de Agroecología. **II Congreso Argentino de Agroecología: entrelazando saberes hacia el buen vivir: libro de resúmenes**. Posadas: Universidad Nacional de Misiones, 2022. Libro digital, PDF. Disponível em

[http://agroecologiar.com/wp-content/uploads/2022/11/LIBRO-DE-RESUMENES\\_II-Congreso-Argentino-de-Agroecologia\\_oct.2019.pdf](http://agroecologiar.com/wp-content/uploads/2022/11/LIBRO-DE-RESUMENES_II-Congreso-Argentino-de-Agroecologia_oct.2019.pdf). Acesso em 15 de maio de 2023.

GERVAIS, Ana Maria Dubeux & SILVA, José Nunes da. Aportes freireanos à educação em agroecologia: Ad-mirar uma experiência no Brasil. **Sinergias – diálogos educativos para a transformação social**. Julho 2022 – n.º 14. p. 35 a 48. Disponível em <https://sinergiased.org/tag/practica/>. Acesso em 15 de maio de 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Para Além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes”, **Novos Estudos Cebrap 79**, novembro (71-94). São Paulo. 2007.

UFRPE. Projeto Pedagógico do Bacharelado em Agroecologia. Recife: 2023.



VILAÇA, Mônica e DUBEUX, Ana. A pedagogia da autogestão na experiência do CFES-NE. In: Medeiros, Alzira et al. - **Economia Solidária, Educação Popular e Pedagogia da Autogestão: reaprendendo a aprender pelas veredas da descolonização do saber no Nordeste**, Olinda: MXM Gráf. e Ed., 2018.